

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Julho 1991



ASSEMBLEIAS
ESPIRITUAIS 1991

As Sentinelas

FERNANDO FERREIRA

«*Filho do homem, eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel*» (Ezeq. 3:17).

A figura de uma sentinela postada na sua torre de vigia, cuja missão é advertir o povo dos perigos que se avizinham, é a imagem escolhida por Deus para representar a missão do Seu profeta.

Ainda que os outros se deitem e durmam profundamente, a sentinela não pode dormir. Enquanto eles se aconchegam e revolvem no calor dos seus leitos, a sentinela sofre lá fora o frio da noite. Quando os olhos da multidão se fecham pesadamente para tudo quanto os rodeia, e as mentes vagueiam pelo país dos sonhos, a sentinela tem que fazer um grande esforço para manter os seus bem abertos, para se aperceber de cada movimento na paisagem real envolvente.

Enquanto os outros repousam descontraidamente e em paz, a sentinela vive a todo o momento a perspectiva da guerra. Os seus nervos e músculos estão sempre em tensão, prontos a reagir ao mínimo sinal. O simples estalar de

um galho, que quebre o silêncio da noite, a faz saltar e premir o gatilho. A sua segurança, e a de todos quantos estão à sua guarda, depende da sua capacidade de se manter desperta. Dormir no posto é uma falta gravemente punida. O perigo mais temido é que o cansaço vença a capacidade de vigilância da sentinela.

O profeta Ezequiel era representado como o atalaia ou sentinela de Deus. Devia vigiar pessoalmente pelas almas. Não era tarefa fácil! Devia despertá-las quando pressentisse o perigo. Mas ninguém gosta de ser acordado quando está no calor do seu sono. Há mesmo pessoas que reagem com violência quando são acordadas. Contudo, a serva do Senhor declara: «Chegou o tempo de se fazer uma grande obra por meio dos colportores. O mundo dorme e como atalaia, eles devem fazer soar a campainha de advertência, a fim de despertar os dormientes ao reconhecimento do perigo.» — *O Colportor Evangelista*, p. 10.

Se não foi fácil para Ezequiel e para todos os profetas, também não é fá-

cil para nós. Mas se o Senhor nos chamou para a missão de sentinelas, temos de ter a fé que nos permita receber d'Ele a força, a coragem e a perseverança necessárias.

Hoje o mundo dorme, mas os filhos de Deus, e particularmente os colportores-evangelistas, como Suas sentinelas, não podem dormir! O mundo não vê nada de mal na vida pecaminosa e dissoluta que leva e nos falsos sonhos que acalenta. Porém, a sentinela tem de ter uma visão real e espiritual dos tempos em que vive!

O mundo vive descontraído na perspectiva de uma paz mundial. A sentinela sabe que se não se preparar lhe sobrevierá repentina destruição. Cada sinal dos tempos, cada guerra, cada catástrofe, faz-lhe sentir que a grande batalha final se aproxima. A sentinela de Deus vive a cada momento a responsabilidade das vidas que são postas sob o seu cuidado.

Fernando Ferreira é departamental de Publicações da União.

PENSAMENTO DO MÊS

«Uma única frase da Escritura é de muito mais valor que dez mil ideias e argumentos humanos.» — E. G. White, *Conselhos sobre Saúde*, p. 253.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Julho de 1991

Ano L • N.º 532

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 850\$00
Número Avulso 85\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Trabalho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 **As Sentinelas**
Por Fernando Ferreira
- 3 **Lar Adventista para Pessoas Idosas**
Por J. Morgado
- 4 **Nós o Veremos**
Nos Santos Dez Mandamentos
Por Werner Vyhmeister
- 7 **Cristo, nosso Perfeito Sacrifício**
Por Calvin B. Rock
- 10 **Assembleias Espirituais**
Por J. Morgado
- 13 **Ordenação ao Pastorado**
- 14 **Celebração do Dia da Educação**
Por Odete Cachão de Almeida
- 15 **Fostes comprados por alto preço**
Por Erich Amelung
- 16 **O Cântico de Asafe**
Por Ted Wick
- 18 **Notícias do Campo**

Lar Adventista para Pessoas Idosas

Durante as últimas semanas, tive oportunidade de passar pelas duas secções do nosso LAPI: Salvaterra de Magos e Pero Negro.

Em Salvaterra, ultima-se a renovação da ala mais antiga, que neste momento está a ficar igual à que ultimamente foi construída. O aspecto de ambas as alas é agradável e proporciona, aos nossos irmãos que as têm de usar, um lugar confortável, limpo e agradável.

Encontrei no salão irmãos e irmãs repousando, e um deles esperando a refeição. Participei dessa refeição e pude ver como os nossos irmãos ali são servidos. Pude ver a preocupação de quem servia de insistir com aqueles que demonstravam menos apetite.

Há alguns meses, recebi uma carta de um irmão que ali vive. Demonstrava a sua alegria por ter um lugar como aquele para viver, falava da boa alimentação e do cuidado que têm para que todos se alimentem bem, etc.

Quão gratos deveríamos estar a Deus por nos ter dado os meios para erguermos e mantermos uma tal instituição!

Quando passo por Pero Negro, constato o mesmo ambiente, embora as instalações daquela secção do LAPI não sejam tão boas.

Quantas irmãs trabalham ainda, ajudando nos trabalhos do Lar e até fazendo trabalhos manuais que vendem a favor da instituição! Quantos irmãos vão trabalhando em Salvaterra, na sua horta, cuidando das árvores de

fruto, dos legumes, etc., etc.

Gostaria de pedir a todos o maior carinho pelo nosso LAPI — Lar Adventista Para Pessoas Idosas. Há ainda muitas coisas a fazer para o tornar completamente confortável.

Lembro-me, com muita preocupação, do Inverno, que dentro de alguns meses nos visitará de novo, e que fará com que os irmãos ali residentes passem alguns momentos bem desagradáveis de frio. Ainda não foi possível encontrar os meios financeiros para providenciar e manter uma instalação de aquecimento razoável. É um período sempre desagradável, que custa a passar.

Há, de facto, muitas pequenas coisas necessárias e uma grande, que é o aquecimento. Depois, e isso já terá a ver com o aumento da lotação, vamos precisar de uma nova capela e de uma sala de estar maior.

No entanto, a minha convicção é que Deus colocou — já colocou — na Sua igreja os meios necessários para levar avante estes necessários empreendimentos. Só que ainda não descobrimos onde...

Penso que há algumas coisas que as igrejas poderiam fazer pelos seus membros que estão no LAPI. Eis algumas:

— Escrevam-lhes regularmente: eles sentirão a vossa amizade e interesse;

— Visitem-nos, sempre que possível: eles o apreciarão, sem dúvida;

— Enviem-lhes, por ocasião do seu aniversário e pelo Natal, uma lembrança: eles se comoverão com isso;

— Se eles se podem deslocar, proporcionem-lhes, uma ou duas vezes por ano, principalmente no Verão, uma visita, num Sábado, à sua antiga igreja: isso será para eles uma lembrança inesquecível.

Devemos constituir uma família e demonstrá-lo em todas as ocasiões. É naqueles momentos em que a doença, a invalidez e isolamento do meio em que viveram a maior parte da sua vida se fazem sentir, que ao fazermos tudo o que pudermos para suavizar uma existência difícil e por vezes já declinante, estaremos sendo verdadeiramente membros de uma família que tem de viver separada aqui, mas que pretende viver unida no Reino dos Céus.

Façamos quanto nos seja possível pelos irmãos que vivem no LAPI e estejamos certos de que o Senhor nos abençoará e fará prosperar.

Desejaria terminar com uma palavra de louvor para todos aqueles que trabalham nesta instituição. Propositadamente não cito nomes nem funções, mas agradeço toda a sua dedicação, amor e paciência por aqueles que ali estão vivendo alguns anos da sua vida.

J. Morgado



Nós o Veremos

Nos Santos Dez Mandamentos

*Mensagem devocional
apresentada na Conferência
Geral de Indianópolis,
no dia 12 de Julho de 1990.*

A vida da igreja era simples, contudo cheia de interesse, enquanto eu crescia em Los Angeles, no Chile. A parede que separava as duas salas de uma velha casa havia sido removida, e o compartimento mais amplo, dela resultante, tornara-se o nosso lugar de reuniões. Numa das extremidades, havia um pequeno estrado e um púlpito. Na parede atrás do púlpito, acima da cadeira do pregador, em uma cópia dos Dez Mandamentos, em grandes caracteres, ocupava lugar de honra. Ela fazia-nos sentir orgulhosos no meio de uma população que tinha imagens de escultura nas suas igrejas e que guardava o domingo em vez do verdadeiro sábado. Na verdade, uma das ilustrações preferidas, usada nos sermões sobre a lei e a salvação, pregados em grande parte pelos nossos valorosos leigos, era um barco com dois remos: fé e obras.

Anos mais tarde, depois de eu ter concluído os meus estudos no programa ministerial do colégio secundário do Chile, encontrei, por acaso, o livro *Cristo Nossa Justiça*, escrito pelo antigo presidente da Conferência Geral, Arthur G. Daniells. Entre as muitas declarações da pena de E. G. White, por ele citadas, causou-me profunda impressão a seguinte: “Como um povo, temos pregado a lei até estarmos tão secos como as colinas de Gilboa, que não recebiam chuva nem orvalho. Devemos pregar a Cristo na lei ... Não devemos confiar em nos-

so próprios méritos em absoluto, mas nos méritos de Jesus de Nazaré.

“Muitos sermões pregados sobre as reivindicações da lei têm-se feito sem apresentar a Cristo, e esta falta tem tornado a verdade ineficaz na conversão de almas.” (pp. 54 e 133.)

Na época, ficou claro para mim que o realce mais forte, posto em Cristo e na salvação, em Mineápolis, em 1888, ainda não havia chegado às nossas bases.

Mas alguns anos depois, fiquei intrigado e surpreso com o desenvolvimento que, nos anos setenta, o assunto tomou na América do Norte e em outros lugares. Alguns notáveis pregadores e professores causaram grande impacto ao darem o tão necessário realce à justificação pela fé. Todavia, em alguns casos, a recém-encontrada liberdade em Cristo foi mal compreendida pelas congregações, como se fosse uma permissão para desrespeitar normas da igreja comumente aceites, ou certas orientações administrativas, ou até mesmo a observância do sábado. Numa tentativa para escapar ao que parecia ser legalismo, alguns penderam para o outro extremo.

Pior ainda, uma espécie de atitude defensiva tomou posse de alguns dos nossos melhores intelectos. Os Dez Mandamentos, que o próprio Deus escrevera, tornaram-se como que um embaraço. Não mais era conveniente confiar no “faz e não faças” da Palavra de Deus. As Crenças Fundamentais da Igreja, aprovadas pela sessão da Conferência Geral de 1980, proporcionaram um equilíbrio correctivo a alguns desses movimentos. A que se refere à lei de Deus, diz, em parte, o seguinte:

“Os grandes princípios da lei de Deus estão incorporados nos Dez Mandamentos e exemplificados na vida de Cristo ... A salvação é inteiramente pela graça, e não pelas obras, mas o seu fruto é a obediência aos Mandamentos ... A obediência da fé demonstra o poder de Cristo para transformar vidas.” [*Os Adventistas do Sétimo Dia Crêem...*, Lisboa, Publicadora Atlântico, p.224.]

Não estamos sozinhos no nosso desejo de uma compreensão equilibrada da lei, do pecado e da salvação. Em 1977, Dean Stephens, pároco da Igreja Episcopal Americana de St. Philip, em Wilming, na Carolina do Norte, escreveu o seguinte:

“O evangelho que hoje está sendo pregado em muitas igrejas é um evangelho açucarado. ‘Os três passos fáceis para a salvação’ parecem estar na ordem do dia. Ao ouvir muitos pastores e evangelistas pregarem, não se sabe se eles estão apresentando um Senhor crucificado e ressuscitado ou se um pagamento sem acréscimo, em 12 módicas prestações, para ir para o Céu ... Abandonemos a tentativa de atrair os homens a Cristo dando-lhes um evangelho açucarado, e restauremos a lei no seu devido lugar na pregação da salvação pela graça mediante a fé” (“O Evangelho Coberto de Açúcar”, *Christianity Today*, 11 de Agosto de 1972).

A grande controvérsia

A lei de Deus é o cerne da grande controvérsia entre Cristo e Satanás, desde o começo até ao fim. Cristo e a lei estão tão intimamente ligados que é impossível ignorar um ou outro, ao examinarmos a origem, desenvolvimento e conclusão do conflito.

Quando Lúcifer começou os seus ataques, “o Filho de Deus apresentou perante ele a grandeza, a bondade e a justiça do Criador, e a natureza imutável, sagrada da Sua lei.” (*Patriarcas e Profetas*, p. 16.)

Na criação, Cristo tornou conhecidos a Adão e Eva os preceitos da lei de amor.

Cristo esteve de novo bem no centro da acção no Monte Sinai, quando foram dados os Dez Mandamentos. Este é o único exemplo conhecido em que Deus proclamou audivelmente a Sua vontade a toda uma nação. E as tábuas dos Dez Mandamentos são o único objecto no qual Deus decidiu gravar perenemente, com o Seu próprio dedo, a Sua vontade.

A encarnação de Cristo foi um acto de obediência à vontade de Deus. A Sua vida na Terra e os Seus ensinamentos revelaram repetidas vezes quão intimamente a Sua missão salvífica estava relacionada com os sagrados Dez Mandamentos. Ao moço rico, Ele explicou: “Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos” (Mat. 19:17). Ao perdoar os adúlteros e outros pecadores, Ele simplesmente reafirmou a validade dos Dez Mandamentos (cf. Lucas 5:18-26; 7:37-50).

“Através da Sua peregrinação de amor na Terra, [Cristo] foi uma viva representação do carácter da lei de Deus ... Por Sua própria obediência à lei, Cristo testificou do carácter imutável dela, e provou que, por meio da Sua graça, ela pode ser perfeitamente obedecida por todo o filho e filha de Adão.” (*O Maior Discurso de Cristo*, p. 49.)

A maior evidência da total entrega de Cristo a Deus e à Sua lei, porém, é vista no Calvário, no acto central e decisivo do grande drama do conflito. Pudessem os reclamos da lei “ser postos de lado, o Filho de Deus não necessitaria então de haver dado a Sua vida para expiar a transgressão da mesma. A morte de Jesus Cristo prova que é imutável.” (*O Grande Conflito*, p. 403.)

A medida que nos aproximamos do fim da grande controvérsia, vemos o dragão irado contra a mulher para “pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os man-

damentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Apoc. 12:17).

Assim, precisamente antes da segunda vinda de Cristo, “aparece então de encontro ao céu uma mão segurando duas tábuas de pedra dobradas uma sobre a outra ... A mão abre as tábuas, e vêem-se os preceitos do Decálogo, como que traçados com pena de fogo. As palavras são tão claras que todos as podem ler ... E os dez preceitos divinos, breves, compreensivos e autorizados, apresentam-se à vista de todos os habitantes da Terra.” (*Ibid.*, p. 512.)

Finalmente, após o milénio, quando os ímpios cercarem a Cidade Santa, eles testemunharão a coroação do Filho de Deus:

“Vêem em Suas mãos as tábuas da lei divina, os estatutos que desprezaram e transgrediram. Testemunham o irromper de admiração, transportes e adoração por parte dos salvos, e, ao propagar-se a onda de melodia sobre as multidões fora da cidade, todos, unânimes, exclamam: ‘Grandes e maravilhosas são as Tuas obras, Senhor Deus todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos’ (Apoc. 15:3); e prostrando-se, adoram o Príncipe da vida.” (*Ibid.*, p. p. 536.)

“Jamais o mal se manifestará de novo ... A lei de Deus, que Satanás increpara de jugo de servidão, será honrada como a lei da liberdade. Uma criação experimentada e provada nunca mais se desviará da fidelidade para com Aquele cujo carácter foi perante eles amplamente manifesto como expressão de amor insondável e infinita sabedoria.” (*Ibid.*, p. 404.)

Sim, vemos claramente a Cristo, inseparavelmente ligado à santa lei dos Dez Mandamentos em cada cena do drama do grande conflito. Somente um Deus de infinita santidade e perfeição poderia ter imaginado uma lei tão perfeita e tão santa. Só um Deus de infinito amor poderia ter revelado tanta paciência e tão dilatada misericórdia para com os persistentes pecadores, milénio após milénio. Apenas Deus, em Sua profunda expressão de solícito amor, poderia ter-Se humilhado em Cristo, “tornando-Se obediente até à morte, e morte de cruz” (Fil. 2:8).

E a aceitação incondicional das exigências do Decálogo por parte de Cristo, a Sua incansável determinação de viver cada dia em perfeita harmonia com o Pai, é para todos nós tanto um desafio como uma inspiração. Tendo vivido, Ele mesmo, uma vida de fé, podia dizer aos Seus seguidores: “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e no Seu amor permaneço” (João 15:10).

Dois grandes mandamentos

Um dia, um doutor da lei perguntou a Jesus: “Mestre, qual é o grande mandamento da lei?” (Mat. 22:36). Na Sua resposta (Mat. 22:37-40), Cristo leva-nos para além dos Dez Mandamentos e conduz-nos aos próprios fundamentos da lei: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento” (Mat. 22:37). Isto significa entrega total.

Amar ao Senhor nosso Deus de todo o coração, alma e entendimento significa mais do que guardar simplesmente os primeiros quatro mandamentos. Compreende colocar a nossa vida incondicionalmente nas mãos de Deus, para que nos use como achar melhor, quer no confortável atropelo e correria de um grande centro urbano, quer em algum dos mais primitivos lugares da Terra; seja como oficiais no poderoso exército de Deus, seja apenas como simples membros.

A submissão incondicional e diária de nossa vida e planos a nosso Senhor resultará na mais enriquecedora experiência espiritual. A verdadeira felicidade só se encontra quando estamos fazendo a vontade de Deus, no lugar designado por Deus, e na ocasião por Ele indicada. Assim, não mais seremos chamados servos, mas amigos (João 15:14 e 15). Seremos também recebidos como “filhos de Deus ... herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo” (Rom. 8:16 e 17; cf. I João 3:1).

Amor ao próximo

Paulo parece ainda mais radical do que Cristo ao resumir os mandamentos (Rom. 13:8-10): “Quem ama ao próximo, tem cumprido a lei” (ver-

so 8). E João chama mentiroso àquele que pretende amar a Deus, enquanto odeia o seu irmão. Pois “aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (I João 4:20; cf. verso 21; I João 5:2).

As verdadeiras obras de amor de Cristo parecem ter ido além mesmo das Suas palavras. Ele buscava os desprezados publicanos e comia com eles. Curou, e até tocou, os leprosos (considerados por muitos, hoje, como equivalentes aos doentes de Sida). “O qual andou por toda a parte, fazendo o bem, e curando a todos os oprimidos do diabo” (Actos 10:38). Posso eu dizer hoje que amo o meu próximo como a mim mesmo, quando deixo estas espécies de ministérios quase inteiramente entregues às Dorcas, à ADRA, ou outras instituições semelhantes?

“Amarás ao teu próximo” inclui também os nossos inimigos (Mat. 5:43-47). Só poderemos amar os que não nos amam se antes nos tivermos tornado filhos do nosso Pai Celestial.

“Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” assume significado especial quando pensamos nos milhões “prestes a perecer, ligados em cadeias de ignorância e pecado” que “nunca ouviram tal coisa como seja o amor de Cristo por eles. Invertidas as condições, que desejaríamos que fizessem por nós?” — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 617.

Não deveríamos nós tomar regularmente tempo para partilhar com os nossos semelhantes descrentes a alegria da salvação? Não deveria eu estar disposto a deixar a segurança e o conforto do lar para ir para uma outra região, ou país, a fim de trabalhar em favor de outros? Poderei dar-me ao luxo de gastar mais dos meus recursos financeiros disponíveis para sustentar a minha igreja local, enquanto bilhões, em toda a parte, ainda não ouviram sequer o nome d’Aquele que me chamou para amar o meu próximo como a mim mesmo?

Descanso para o cansado

Muitas vezes tenho pensado que Deus criou o casamento e a família para ajudar-nos a compreender melhor como Ele deseja que nos relacionemos

com a Sua pessoa. Hoje, 12 de Julho de 1990, é dia do meu aniversário de casamento. Há trinta e um anos, Nancy e eu comparecemos perante o juiz de paz de Crespo, Entre Rios, na Argentina. A cerimónia civil incluía uma série de instruções. Uma delas impressionou-nos profundamente: “Vocês agora devem viver sob o mesmo tecto.” Não nos foi dito que tamanho teria esse tecto, nem como seria. Mas pode-se imaginar facilmente que para um casal apaixonado tal indicação não era nenhum sacrifício. E quando o amor amadurece e se aprofunda, as normas tendem a cair por terra. Um relacionamento de confian-

ça e amor preenche todas as expectativas da lei.

Cristo disse: “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos” (João 14:15). E acrescentou também: “Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mat. 11:28-30).

Werner Vyhmeister é director do Seminário Teológico da Universidade de Andrews, nos Estados Unidos.

OÁSIS

És um oásis, Senhor.
Onde me sinto tão bem!
Refrigeras minha alma,
Dás-me paz, alento e calma,
E no deserto da vida
Só em Ti acho guarida.
Mas sabes, Senhor, às vezes
Perco o meu olhar ao longe,
Na distância que me foge,
E procuro descobrir
Encantos nesse deserto
Que se espraia e me seduz.
E dou comigo a pisar
A sua areia escaldante,
A sofrer as tempestades
Do vento tão implacável,
A sentir atroz fadiga
E uma sede insuportável,
Em busca duma miragem
Que ao longe vislumbrei.
Então, morta de cansaço,
Procuro, aflita, o Teu braço
P’ra nele me refugiar.
E Tu estás empre à minha espera!
Não és para mim quimera!
És certeza! És conforto!
És oásis verdejante,
De bondade transbordante.
Nunca permitas, Senhor,
Que estas miragens me ceguem
Ou que me afastem de Ti.
E, pelo Teu grande amor, nunca Te cansas de mim.

Maria Sales, igreja de Almada

CALVIN B. ROCK

Cristo

NOSSO PERFEITO

SACRIFÍCIO

A pedra angular da nossa teologia

«E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno” (Apoc. 14:6). O centro, o miolo, o coração deste evangelho é que o Criador morreu pela criatura, o Inocente pelo culpado, o Oleiro pelo barro.

O que há de extraordinário neste facto não é apenas o Deus transcendente ter encontrado uma maneira de vencer as dificuldades da ordem da criação e ter vindo habitar entre nós. No fim de contas, Ele é Deus e, com o conhecimento e sabedoria infinitos que possui, é capaz de dar origem a qualquer espécie de ser que desejar. O que é extraordinariamente surpreendente é que Cristo tenha estado disposto a sofrer tamanha violência por uma raça caída e ingrata; é que Ele tenha estado disposto a abandonar o poder da Divindade e, através do que a

nossa profetisa chama um “processo misterioso” (*Review and Herald*, 18 de Julho de 1882), tenha descido à atmosfera infame deste desordenado planeta.

O Deus poderoso tornou-Se um homem exposto à malignidade do pecado. Quem, realmente, pode crer em tal facto? (Ver Isa. 53:1.) Que o Rei deste universo — um universo tão infinitamente vasto que o Planeta Terra nele não é senão um átomo do todo — tenha vindo morrer pelos seus habitantes enfermos, num acto de amor que assombra a nossa razão, que causa vertigens à nossa imaginação, que desafia a nossa fé, mas cativa os nossos corações. Nós cremos nisto, mas, todavia, não o podemos compreender.

Foi Ele quem nos fez; foi Ele quem fixou as leis da nossa existência e as consequências da nossa trans-

gressão. E foi Ele quem proveu os termos da nossa recuperação. Tais termos incluíam a morte, mas uma espécie de morte que nós não poderíamos prover — uma morte justa. Esta foi-nos dada por Jesus. Ele tomou o nosso lugar. No Calvário, foi o nosso débito que foi pago. É por isso que Isaías pôde dizer: “O trabalho da sua alma ele verá, e ficará satisfeito; com o seu conhecimento o meu servo, o justo, justificará a muitos” (verso 11).

Servo Justo? Sim. Este é o elemento primário da admiração de Isaías. Cristo não é só um Deus Justo; é um Servo Justo. Além de possuir o carácter requerido (isto é, santo e imaculado), Ele possui reunidas duas naturezas (isto é, Ele é humano e divino). Igual a Deus, Ele humilhou-Se a Si mesmo para descer ao nível da maior pobreza e submeter-Se à morte, e mor-

te de cruz — a mais violenta, degradante e ignominiosa do Seu tempo.

Base da Pregação e Doutrina

Esse elemento da justiça de Cristo, mais do que qualquer outro, é a base da nossa pregação. É básico para todas as doutrinas. Não há nenhum princípio da Palavra de Deus que não brote desta perspectiva. Todo o ensino fundamental está nele imerso.

Infelizmente, há pessoas que procedem como se a justiça de Cristo fosse apenas aplicável às doutrinas que partilhamos com o resto dos Evangélicos ou do Protestantismo conservador — por exemplo, a conversão, a comunhão, a santificação. Temos, contudo, que recordar que mesmo as nossas verdades distintas — aquelas doutrinas que nos identificam e marcam como um povo especial — são iluminadas pela justiça de Cristo. Para ser verdadeiramente autêntico, cada tema doutrinário tem de estar banhado no sangue justo de Cristo.

Consideremos, por exemplo, a doutrina da igreja — a doutrina que estabelece o desígnio de Deus de que nos reunamos para O adorar. As Escrituras usam como metáfora deste culto de adoração em conjunto, uma mulher — não uma mulher qualquer, mas a noiva por quem Cristo, o Esposo, já pagou o dote final, o Seu sangue. É o sangue de Jesus que dá forma à teologia da igreja. É o sangue de Jesus que define a missão da igreja, legitima a eclesiologia da igreja, que provê o apelo da igreja e concretiza a unidade da igreja — a sua unicidade acerca da cruz. Não há pregação apropriada da doutrina da igreja (Crença Fundamental nº 11), ou sua corolária, o Remanescente (Crença Fundamental nº 12), ou da unidade do corpo (Crença Fundamental nº 13) sem ênfase no sangue de Cristo.

Consideremos ainda a Crença Fundamental nº 18, a Lei de Deus. Também ela não pode ser perfeitamente compreendida sem a referência ao sangue de Cristo. É verdade que a lei não salva. É verdade que ela é um aio. É verdade que no seu esboço ela não possui qualquer provisão redentora. Todavia, a lei foca o sacrifício de Cristo em nosso favor como poucas doutrinas o fazem. Como? Pe-

la sua exigência radical em relação à transgressão. A validade da lei é confirmada pela qualidade da Vida que por sua causa foi sacrificada. O sangue de Cristo é a mais convincente prova de que a lei permanece inviolável — tão imutável como o Seu santo carácter.

As Crenças Fundamentais números 16 e 20, Dons Espirituais e Mormomia, são também ilustrativos exemplos. Porque a única maneira de expandir adequadamente os reclamos de Deus quanto aos nossos talentos, incluindo o nosso tempo e os nossos proventos, é ver estas doutrinas à luz da cruz. Era esse o pensamento de Paulo ao dizer: “Somos devedores” (Rom. 8:12) e “Para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho” (Fil. 1:21). Paulo fora resgatado da escravidão das trevas (Col. 1:12, 13) e libertado da prisão da morte pelo precioso sangue do Cordeiro. Servir a Cristo não era, para ele, uma questão de “horas gastas em trabalho cristão”, do mesmo modo que fazer mormomia não era uma questão refletida à posteriori, em que se dá o tempo e os recursos que sobram. Todas as suas energias, todos os seus talentos e todo o seu tempo pertenciam a Deus.

Santo Sábado

Mas há também a Crença Fundamental nº 19, que diz respeito ao Sábado. Sim, ao santo Sábado. Em alguns pontos, é a nossa mais clara oportunidade de destacar o elemento “sacrifício” da justiça de Cristo. Porque no Sábado, aquelas mãos que se tinham gasto a partir o pão e a curar os enfermos, aqueles lábios que se tinham secado por longas horas a falar de paz e a proclamar liberdade, aqueles olhos que tinham inchado ao chorar Ele por causa da condição do Seu povo, aqueles pés que sofredoramente O tinham levado de aldeia em aldeia, onde Ele dispensara cura e felicidade, aquele coração que batera de alegria cada vez que um pecador confessara os seus pecados, e que no Calvário se quebrantou de tristeza pela ingratidão — repousavam agora no santo Sábado. Através do acto de repousar, o memorial da Criação tornou-se um sinal de redenção — que nunca

mudará, nem mesmo na nova terra (Isa. 66:23).

Segunda Vinda

Outra doutrina que demonstra os méritos da justiça do sacrifício de Cristo é a Crença Fundamental nº 24, a Segunda Vinda de Cristo. Também ela ficaria sem o devido significado se lhe faltasse a ênfase da primeira vinda e da crucifixão que culminou a Sua obra nesta terra. Temos de ter alegria na cruz antes de podermos ter esperança na Segunda Vinda. É só quando conhecemos a Jesus, o Cordeiro Sacrificado, que nos podemos encontrar jubilosamente com Jeová, o Leão Conquistador. Para ser perfeitamente compreendida, a Segunda Vinda tem de ser ensinada como sendo mais do que a culminação de assustadores sinais e o fim das misérias desta terra. Tem de ser vista como a nossa oportunidade de, finalmente, vermos a Jesus, o nosso santo Redentor, e como o começo da uma eternidade de louvor e estudo do Seu perfeito sacrifício.

E isso traz à nossa mente o milénio (Crença Fundamental nº 26). Também esta doutrina está ancorada no Calvário. A primeira ressurreição é a ressurreição por excelência, ou seja, a ressurreição dos justos. Ela só é possível pela ressurreição de Cristo Crucificado que, ao ascender ao céu, levou para o Pai uma onda de “molhos”, um sinal, um pagamento inicial, uma amostra que prefigura o grande despertamento que inicia os primeiros 1000 anos dos santos em glória.

A Experiência do Evangelho

Os resultados de tais exemplos, centrados na cruz, são altamente gratificantes. E o que fazem pelas nossas almas não é sem importância. Quando pensamos e estremeçemos de emoção com as cenas do Calvário, quando o Evangelho se torna, não a experiência de alguém a respeito da qual lemos, mas um acto de salvação cuja experiência nós vivemos, isso resplandece no nosso testemunho de Cristo. Será visto nos gestos, ouvido na voz; será sentido no entusiasmo da nossa proclamação. É impossível ser cheio da alegria da salvação (como

Paulo) — porque o facto é que o Calvário reorientou os nossos destinos, inverteu o curso da nossa existência, libertou as nossas almas — e não ficar entusiasmado e, por nossa vez, entusiasmar aqueles que nos ouvirem.

Outro benefício deste processo é que ele faz discípulos afectuosos e compassivos. É a nossa pregação não centrada no sangue de Jesus que é responsável pela letargia e legalismo que existem entre nós. Às vezes, nós pregamos sermões centrados em crises, que amedrontam as pessoas da igreja, e estas, por sua vez, atraem para a igreja membros excitáveis, mas que não centram as suas vidas em Jesus, que aprendem de cor os factos da profecia, mas não conhecem a alegria da salvação. Então, mais uma vez, pregamos sermões centrados em palavras, odes poéticas que pintam quadros prosaicos, palavras das quais está ausente o sangue de Jesus, mas que encantam o intelecto e satisfazem o ouvido, que produzem discípulos contentes mas não convictos. Também pregamos sermões centrados no pecado — mostrando os males da igreja e do mundo, zurzindo a apostasia, mas negligenciando a graça; pondo em destaque os nossos pecados, em vez do Seu sacrifício. Tais sermões não tocam os corações nem fazem o terreno inculto dar bons frutos. Na realidade, são eles os principais responsáveis por aqueles cuja religião sem amor torna impossível que desenvolvam em si os genuínos frutos da justiça. São almas infelizes e críticas, cuja dedicação à “salvação pelas obras” os leva a dar grande importância ao que é pouco importante, e pouca importância ao que é muito importante, procurando “cabelos” teológicos, mas não compreendendo nunca a diferença entre regras e princípios, entre cerimónia e substância e, muito importante, entre justiça e misericórdia.

Era tempo de nação para Israel. Tinham-se passado quatrocentos anos desde que Abraão recebera a promessa de uma posteridade numerosa e poderosa, através da qual todas as nações haveriam de ser abençoadas. A demo-
nstração tornara-se necessária devido à desobediência do povo. Seguiu-se es-

cravidão, humilhação e séculos de frustração, mas agora era tempo de nação. Nove das pragas já tinham caído. O acto final — a morte dos primogénitos — estava prestes a começar. A libertação da escravidão e o cumprimento da promessa estavam agora iminentes. O povo de Deus ia ser salvo, poupado, libertado, livre — isto é, se eles colocassem devidamente o sangue nas umbreiras das suas portas.

As instruções de Êxodo 12 são muito detalhadas e precisas: deveriam escolher um cordeiro (verso 3); que devia ser jovem (verso 5), sem mácula (bverso 5), macho (verso 5), ser sacrificado à tarde (verso 6), e ser comido (verso 8). A carne que sobrasse deveria ser queimada (verso 10). As famílias demasiado pobres para poderem adquirir um cordeiro deveriam ser convidadas a partilhar o cordeiro com uma outra família que o tivesse (verso 4). As Páscoa seria observada da seguinte maneira: eles estariam completamente vestidos e calçados (verso 11), com o seu cajado na mão (verso 11) e comeriam apressadamente (verso 11). E tendo mergulhado o hissopo no sangue, deveriam com ele aspergir a verga da porta e ambas as

umbreiras de suas casas (verso 22). Só então o anjo vingador os passaria por alto, poupando-os à dor e à morte, e honrando-os como membros da organizada nação de Israel. Hoje, mais uma vez, é tempo de nação para o povo de Deus. O Cordeiro já foi morto; a libertação-está à nossa disposição. Tudo o que o Seu povo tem a fazer é aplicar o sangue nas vergas e umbreiras das nossas instituições, das nossas igrejas, dos nossos lares, da nossa teologia, e das nossas vidas. Não apenas para que o mundo o possa ver, não apenas porque ele é o factor mais eficaz, mais convincente e mais reconfortante do Evangelho, mas porque a morte de Cristo satisfaz a necessidade do pecador — a nossa necessidade — de sangue justo, e porque quando o Pai vir o sangue devidamente aplicado, livremente aplicado, fielmente aplicado, Ele passará por alto a nossa culpa e trar-nos-á perdão, cura, felicidade, intrepidez e poder para fazer a Sua vontade.

Calvin B. Roch é vice-presidente geral da Conferência Geral. Antigo presidente do Oakwood College, possui um doutoramento em religião e ética ministerial.

ALEMÃO PARA ESTRANGEIROS

Seminário Teológico de Friedensau, na Alemanha

O Seminário Teológico de Friedensau, na antiga Alemanha Oriental, vai realizar este ano, pela primeira vez, um curso de verão para estrangeiros. A notícia chegou-nos com um certo atraso, mas, mesmo assim, com o pedido de lhe darmos uma certa publicidade, uma vez que a sua proposta vai além do curso de verão, podendo estender-se ao ano escolar de 1991/1992, a começar no próximo mês de Setembro.

A aldeia de Friedensau fica situada no centro da Alemanha, no meio da uma belíssima área de prados e florestas. Fica apenas a 5 quilómetros da auto-estrada de Berlim para Hanôver, não muito longe de Magdeburgo.

Friedensau festejou recentemente o seu centenário. Os seus velhos e impressionantes edifícios de tijolo vermelho, com textos da Bíblia escritos nas suas paredes, dão testemunho de uma longa tradição. Friedensau foi fundada quando os Adventistas erigiram ali o seu Seminário Adventista — o primeiro da Europa — e começaram um programa de preparação para o ministério. Hoje vivem

na aldeia cerca de 300 pessoas. Mas o Seminário continua a ser o centro da comunidade. Há também um lar para idosos, um centro de recreio para jovens e outras instituições. Friedensau é a mesma de sempre, velha e jovem. Embora lhe tenham sido acrescentadas novas construções, a sua juventude deve-se aos muitos jovens que vêm de toda a parte, ano após ano, e a enchem de vida. Em Friedensau, a maioria dos estudantes estuda teologia e prepara-se para o ministério, obtendo uma licenciatura, oficialmente reconhecida, após cinco anos. Mas há outros que estudam música ou seguem o curso de um ano, “Alemão para Estrangeiros”.

Friedensau é um lugar internacional. Agora que o muro que separava as duas Alemanhas caiu, o seminário está mais aberto do que nunca aos que o quiserem visitar ou ali fazer os seus estudos. As informações quanto a preços, etc. poderão ser obtidas através do Departamento de Educação da União — Rua do Jorgim, 166, Oliveira do Douro — 4400 VI-LA NOVA DE GAIA.



ASSEMBLEIA

Realizadas durante o mês de J...
constituíram apreciada...
refrigério espiritual

As assembleias espirituais constituíram este ano um acontecimento que mobilizou a maior parte das nossas igrejas e grupos. E se nalguns casos isso não aconteceu, deveu-se ao pouco entusiasmo manifestado pelos responsáveis.

O lema para estes encontros foi: "Nós O veremos". Desse modo, todas as actividades se centraram no tema da vinda de Jesus e na nossa preparação para esse acontecimento, enquanto cumprimos o mandato que Jesus nos confiou de pregar o Evangelho ao mundo.

As notícias que nos chegam são as seguintes:

Assembleia do Norte

Teve lugar no dia 15 de Junho e foi realizada no cine-teatro Vale Formoso, no Porto, tendo contado com a presença de mais de mil irmãos e amigos, que representavam todas as igrejas da Área Norte.

O programa da Escola Sabatina foi dirigido pelo Ir. Arutr Guimarães, da igreja do Porto, e nele colaboraram ir-

mãos de várias igrejas. Às 9h45 a assistência já era bastante numerosa, tendo todos participado numa sessão de cânticos dirigida pelo Ir. Fernando Ferreira.

O culto solene esteve a cargo do Pr. Joaquim Dias, da igreja de Lisboa central, expressamente convidado para a Assembleia Espiritual do Norte. A sua mensagem consistiu de um chamado à reflexão sobre a pertinência da Igreja Adventista e a sua consequente missão de proclamar o plano de Deus para a terminação do grande conflito e a reivindicação do carácter de Deus.

O programa da tarde foi dirigido pelo Pr. Juvenal Gomes e, entre experiências missionárias e cânticos, chegámos ao Festival do Hino do Desbravador, organizado pelo Área Norte da Juventude Adventista Portuguesa. Nele participaram oito igrejas, que nos proporcionaram agradáveis momentos musicais.

O encerramento desta Assembleia Espiritual, constituído por uma breve meditação espiritual, coube ao Pr. Sérgio Teixeira, da igreja de Oliveira do Douro.

Assembleia da Área Centro

Realizou-se no dia 22 de Junho, na Pampilhosa do Botão, onde há poucos meses inaugurámos uma nova sala. A As-

sembleia reuniu cerca de 700 pessoas na sala recém-construída da Filarmónica local. Esta manifestação deu brado naquela pequena terra e as pessoas interrogavam-se sobre que grupo seria aquele, e isso foi, sem dúvida, mais um testemunho em favor da mensagem do Advento.

Estiveram representadas todas as igrejas da Área Centro, e constituiu uma ocasião única para os nossos irmãos se encontrarem e cantarem em conjunto, para fazerem novas

amizades e, sobretudo, para partilharem a experiência da comunhão na mensagem do Advento. O programa começou com uma sessão de cânticos, dirigida pelo Ir. Rogério, da igreja de Viseu, a qual antecedeu a Escola Sabatina, a cargo do jovem Marcos Daniel, da igreja de Coimbra, com a colaboração de outros irmãos das igrejas representadas. A lição do dia foi passada em conjunto pelo Pr. Enoque Nunes, da igreja de Leiria. Actuou nesta parte do



Grupo Coral de Viseu



Grupo Coral de Vila Nova de Monsarros

S ESPIRITUAIS

Junho, no âmbito de Missão Global, os momentos de convívio, de incentivo missionário.



Nós O veremos

programa o grupo de guitarras de Coimbra.

O culto foi feito pelo Pr. Ezequiel Quintino, das igrejas de Canelas e Avintes, como orador convidado para esta Assembleia. No âmbito do tema geral, "Nós O veremos", o Ir. Quintino chamou a atenção dos presentes para a viagem que o povo de Israel realizou no passado, e para aquela que o Israel actual está hoje fazendo em direcção à Canaã celestial, na esperança de um dia poder contemplar a Jesus.

Da parte da tarde, realizou-se uma sessão missionária, com experiências relatadas por elementos das várias igrejas presentes, e em que o Pr. Alberto Nunes, departamental de Actividades Missionárias da União, realçou a importância do programa evangelístico Missão Global, ilustrando-o com diapositivos. Seguiu-se a muito apreciada colaboração dos diferentes coros e grupos musicais que existem nas igrejas da área centro: três jovens manos e um acordeão, de Sangalhos, os grupos corais das igrejas de Viseu, Carregal do Sal e Vila Nova de Monsarros, o grupo "Shalon", também de Vila Nova, o flautista Ricardo, com acompanhamento à viola, que interpretou música clássica, e, por último, o gru-

po coral de Coimbra, dirigido pelo Ir. Luis Batalha, professor do Conservatório desta cidade, que interpretou cânticos sacros clássicos, que atingiu elevado nível e a todos inspirou grandemente. A Assembleia Espiritual do Centro terminou com uma breve mensagem e oração do Pr. António Rodrigues, da igreja da Guarda.

Área de Lisboa

A Assembleia Espiritual da Área de Lisboa teve lugar no dia 22 de Junho, na cidade do Barreiro, pois havíamos planeado que coincidisse com a dedicação da nova igreja desta localidade. Porém, devido a alguns atrasos imprevistos, não foi possível fazer as duas festas em conjunto.

No bom salão do grupo recreativo da Quimigal, às 9h45 já se encontravam reunidos algumas centenas de irmãos, que tomaram parte na sessão de cânticos dirigida pelo Ir. Enoque Pinto, da igreja de Setúbal. Às 10 horas iniciou-se a Escola Sabatina, dirigida pelos irmãos Dr. Mário de Oliveira e Pr. Júlio Carlos Santos, das igrejas do Barreiro e Lisboa-General Roçadas, respectivamente, tendo colaborado também outros irmãos e o grupo musical Excelsus, da igreja de Lisboa-Alvalade.

O culto solene esteve a car-



Mesa da Escola Sabatina



Tribuna do Culto



Coro Elnaem, das igrejas de Lisboa

go do Pr. José Manuel de Matos, das igrejas de Ermesinde e Matosinhos, especialmente convidado para esta Assembleia. A sua mensagem levou-nos a reflectir sobre os sinais que se vão acumulando à nossa volta e que nos avisam da breve volta de Jesus, pelo que devemos preparar-nos para o privilégio de um dia poder ver o nosso Salvador face a face. No culto colaborou também o grupo musical Pax, da igreja de Setúbal.

No programa da tarde, além dos dois grupos musicais, já referidos, tivemos também a colaboração de um da igreja da Baixa da Banheira, e tivemos oportunidade de ouvir algumas experiências missionárias realizadas por igrejas, em conjunto, ou por pastores e membros, o que constituiu, sem dúvida, forte incentivo para nos dedicarmos de alma e coração à nossa missão evangelística.

Logo que terminou esta parte do programa, foi apresentada uma peça musical da autoria da irmã Alda Coutinho, da igreja de Alvalade, na qual se retratava a vida de Jesus. A parte coral esteve a cargo do coro Elnaem e a apresentação pertenceu aos jovens das igrejas da área de Lisboa. Do programa fazia também parte um belo e impressionante cenário.

A Assembleia Espiritual da Área de Lisboa terminou também com uma breve meditação, que foi feita pelo Pr. Fernando Mendes, das igrejas do Barreiro e Baixa da Banheira.

O salão tinha capacidade para 1500 pessoas, e, tanto de manhã como de tarde, esteve quase cheio.

Assembleia Espiritual do Algarve

No Sul, realizámos duas assembleias mais pequenas, dadas as grandes distâncias que os irmãos teriam de percorrer

para se reunir num único lugar. Assim, tivemos uma Assembleia Espiritual para as igrejas do Algarve e outra para as do Alentejo.

A Assembleia Espiritual do Algarve teve lugar no dia 29 de Junho, e foi realizada em Albufeira, no salão dos Bombeiros. Participaram cerca de 180 irmãos e irmãs das igrejas dessa zona, os quais apreciaram de modo particular a oportunidade de se reunirem, confraternizarem e louvar ao Senhor em conjunto. A preparação destas reuniões coube aos pastores locais Paulo Renato e Justino Glória, coadjuvados por alguns irmãos leigos locais.

O programa foi semelhante ao que decorreu em todas as outras Assembleias. Depois de uma breve sessão de cânticos, dava-se início à Escola Sabatina, sob a direcção do Pr. Paulo Renato Garrochinho, das igrejas do Sotaventos Algarvio, e com a colaboração de outros irmãos.

Seguiu-se o culto solene, feito pelo Pr. Juvenal Gomes, secretário-tesoureiro da União Portuguesa, orador expressamente convidado para esta Assembleia Espiritual. O seu tema centrou-se no próprio lema do encontro, "Nós O veremos", sendo a vinda de



O Pastor Juvenal Gomes no momento do culto.

Jesus apresentada como a solução única para os problemas que atormentam o nosso mundo e a necessidade de o cristão se preparar para este extraordinário acontecimento.

À tarde teve lugar um programa missionário, inspirado em Missão Global, o grande empreendimento missionário da Igreja Adventista para os próximos anos. Foi constatado o trabalho realizado pelas igrejas algarvias na propagação do Evangelho nesta terra e foi apresentado o projecto ASA ALGARVE, integrado nesta mesma missão evangelizadora. Houve ainda testemunhos, coros, solos e poesias. O encerramento esteve a cargo do Ir. Emanuel Sacramento, ancião da igreja de Faro, que apresentou uma breve meditação.

Assembleia Espiritual do Alentejo

Realizou-se também no dia 29 de Junho, no Clube Recreativo de Évora, e reuniu cerca de 60 irmãos das igrejas e grupos da área de Portalegre, de Ponte de Sor, Évora, Elvas, Beja, Moura. A Escola Sabatina foi dirigida pelo Pr. Daniel Vicente, da igreja de Ponte de Sor, com a colaboração dos irmãos Manuel Fernandes e José Garção, da igreja de Portalegre. O coro desta igreja apresentou alguns números musicais na hora da Escola Sabatina.

Para o culto solene foi convidado o Pr. Eduardo Graça, da igreja de Setúbal, que falando sobre o tema geral, "Nós O veremos", apresentou este tema ao longo dos dois séculos, e como os servos de Deus do passado viveram e morreram na esperança de um dia ver a Jesus. O culto contou com a colaboração do coral "Pax", da igreja de Setúbal, que a todos proporcionou momentos de elevação espiritual.

De tarde, houve uma reunião musical e de testemunhos. Os irmãos relataram experiências do trabalho missionário, intercaladas com números musicais, apresentados pelos dois grupos corais já referidos e ainda por um grupo da igreja de Ribeira de Nisa. O culto de encerramento esteve a cargo do Pr. António Gameiro, da igreja de Portalegre, que apresentou uma breve meditação espiritual sobre a necessidade de nos prepararmos para ver a Jesus, sim, mas para salvação, pois alguns O verão para perdição eterna.

Estas reuniões espirituais trouxeram novo ânimo aos irmãos das igrejas da região alentejana, que desejam preparar-se para a vinda de Jesus e levar esta boa nova aos que ainda O não conhecem.

Oferta das Assembleias Espirituais

Em todas as Assembleias Espirituais foi feito um apelo especial no momento da oferta, a qual havia sido previamente anunciada. O seu objectivo era conseguirmos os fundos necessários para a compra de um veículo, a ser devidamente equipado, para se proceder à medição da tensão arterial nas ruas. Como alguns irmãos não iam preparados para esta oferta especial, foi feito um apelo para que a entregassem ainda durante este ano, a fim de que possamos concretizar brevemente este plano.

O total da oferta de todas as Assembleias Espirituais cifrou-se em cerca de novecentos mil escudos, mas a esta verba teremos ainda de juntar mais algumas, para poder adquirir e equipar o referido veículo médico-missionário.

Desejamos agradecer a todos os irmãos que já contribuíram ou vão contribuir para este plano evangelístico.

Agradecemos igualmente a sua presença e o seu esforço para o bom êxito das Assembleias Espirituais de 1991.

O plano destas Assembleias incluía também a realização, em todas as igrejas e grupos,

de uma reunião, no começo do Sábado, com um programa especial. Às vezes, reduzimos o Sábado à actividade da manhã e esquecemos os limites deste sagrado dia. Sabemos que muitas igrejas cumpriram

e apreciaram esta parte do programa.

Estamos certos de que estes encontros constituiram momentos de refrigério e de bênçãos espirituais para todos. Para o próximo ano de 1992,

está já marcada, de 1 a 5 de Julho, a Assembleia Quinquenal da União Portuguesa. Devemos, desde já, ir-nos preparando para essas importantes reuniões e fazer delas objecto das nossas orações.

ORDENAÇÃO AO PASTORADO

Três novos pastores foram ordenados ao santo ministério

Realizou-se, na igreja central de Lisboa, no dia 21 de Junho, às 20h30, por conseguinte, já dentro das horas sagradas do Sábado, uma cerimónia de ordenação ao pastorado, a qual precedia a Assembleia Espiritual da região de Lisboa, a ter lugar nesse mesmo fim de semana.

Os irmãos que receberam a imposição das mãos foram: Manuel Ferro, Justino Glória e Joaquim Nogueira. O exame prévio dos candidatos foi feito pelos pastores Joaquim Morgado, Juvenal Gomes, Alberto Nunes, Joaquim Dias e Fernando Mendes. A sua apresentação foi feita pelo Pr. Amílcar Lopes.

Na cerimónia propriamente dita, a oração de consagração foi pronunciada pelo Pr. Alberto Nunes, secretário da Associação Ministerial da União, a investidura foi feita pelo Pr. Juvenal Gomes, secretário-tesoureiro da mesma União, e as boas-vindas aos novos pastores ordenados foram dadas pelo seu presidente, Pr. Joaquim Morgado.

Após a entrega de certificados e flores, e de algumas palavras de apresentação e felicitação às esposas dos novos pastores, cada um deles apresentou o seu próprio testemunho e disposição de uma maior consagração ao Senhor e à Sua obra. Damos a seguir uma resenha dos seus dados biográficos.

Manuel de Jesus Barrecoço Ferro

Manuel Ferro nasceu em Ferreira do Alentejo, em 1952. Aos sete anos de idade, quando a sua

família foi morar para a Amadora, a mãe, que sempre se interessara pela Bíblia, ao procurar adquirir um exemplar das Sagradas Escrituras, deparou com a Igreja Adventista, que na altura se localizava no Bairro Janeiro. Era então pastor desta congregação o falecido Ir. Viagas. No seguimento deste contacto, a família começou a frequentar a Igreja Adventista. Porém, só alguns anos mais tarde, já em Vila Franca de Xira e após receberem estudos bíblicos do Pr. Sandoval, vieram a tomar posição pela Verdade. Manuel Ferro foi baptizado em Lisboa, em Setembro de 1969.

Desde muito novo, ele e seus pais acalentavam o desejo de que um dia um dia viesse a ser um obreiro na causa do Senhor, mas a sua situação militar, na aviação portuguesa, não lhe permitia ausentar-se do país para fazer a sua preparação pastoral. Quando isso se tornou possível, Manuel Ferro interrompeu o curso superior de Germânicas, que frequentava, e partiu imediatamente para o Seminário de Sagunto e a seguir para Collonges, tendo concluído a licenciatura em teologia em 1984.

O seu primeiro trabalho foi como estagiário na igreja de Évora, onde permaneceu até Setembro de 1987, sendo seguidamente chamado a trabalhar na redacção da Casa Publicadora e posteriormente como pastor da igreja de Cascais. Casado com Olga Maria Lourenço Ferro, o casal tem três meninas: Wanda, Débora e Ana-Sofia.



Justino Carlos Jesus Marques Glória

Casado com Neuza de Oliveira Ramos Glória, têm dois filhos: Cristiane e André Luis.

Justino Glória nasceu em Tomar, em 1957, e foi baptizado nessa mesma igreja, em 1972. Algum tempo depois emigrou para o Brasil e ali teve oportunidade de concretizar um velho sonho: preparar-se para trabalhar como pastor adventista. Assim, fez os seus estudos teológicos no IASP e IAE e formou-se em 1984. No ano seguinte, 1985, voltou para Portugal e começou o seu trabalho como estagiário na igreja de Vila do Conde. Desde 1987 tem à sua responsabilidade as igrejas de Portimão e Lagoa, no Barlavento Algarvio.

Joaquim António da Silva Nogueira

Nasceu em Valbom, Gondomar, em 1952, e foi baptizado na igreja do Porto em 1972. To-

davia, a sua experiência como adventista remonta a alguns anos antes, quando, ao conhecer a mensagem através do testemunho de uma colega, a jovem Maria José Mendes, também da igreja do Porto, decidiu ir trabalhar para Angola, no âmbito do Serviço Voluntário Adventista. Ali passou o ano escolar de 1973/74 ensinando no Instituto Adventista do Bongo. A sua vocação ficou então traçada: seria um dia obreiro na obra do Senhor. Assim que foi possível, foi para o Colégio Adventista de Sagunto, passando a seguir para o Seminário de Collonges, onde concluiu a sua preparação teológica em 1983, obtendo a licenciatura em teologia. Começou o seu trabalho na área das Caldas da Rainha, onde permaneceu de 1984 a 1987, sendo depois preceptor, professor de Bíblia e pastor da igreja do Colégio Adventista de Oliveira do Douro. É casado com Isabel Maria Lopes Eleutério Nogueira.

Celebração do Dia da Educação

Todos os anos, a Igreja Adventista dedica um dia especial à educação, a fim de sensibilizar os crentes para este importante aspecto da sua vivência cristã.

Com efeito, “tanto quanto possível, todos os nossos filhos devem ter o privilégio de uma educação cristã.” (E. G. White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, 1975, p.141.)

Bem cedo, no início do movimento adventista, fomos aconselhados pelo Senhor a estabelecer escolas de igreja, onde os as crianças e jovens pudessem receber uma educação cristã apropriada, que os preparasse para a vida presente e futura. E foi-nos dito que era dever de todos os crentes colaborar em providenciar os

meios financeiros e humanos para as manter. O desejo do Senhor é que as crianças e jovens da Sua Igreja possam “atingir o ideal de Deus”, o qual se define como “uma educação tão alta como o céu e tão extensa como o universo [...] que não poderá completar-se nesta vida, mas que se prolongará na vindoura.” (E. G. White, *Educação*, São Paulo, C.B.P. 1977, p. 19.)

Este ano, a celebração do Dia da Educação, no dia 11 de Maio, realizou-se, de modo particular, na igreja central de Lisboa. O culto desse Sábado esteve a cargo do departamental de Educação da União Portuguesa, Dr. Gustavo Samuel Grave, e teve como tema «Que Escola? Uma escolha de alcance eterno?». Um dos aspectos focados foi, precisa-



mente, o risco de entregar a educação dos filhos da igreja a escolas que não se baseiam nos princípios bíblicos e neste sentido procurou-se consciencializar os crentes adventistas para o dever e necessidade de estabelecer e manter escolas de igreja para as nossas crianças e jovens. Foi também demonstrado que os gastos com a educação adventista não são uma despesa, mas um investimento que dá dividendos a curto, médio e longo prazo. Na parte da tarde, realizou-se na mesma igreja de Lisboa uma cerimónia comemorativa da obra educativa adventista em Portugal. Participaram no programa, através de números musicais e poesias, alunos, professores e outros funcionários da escola de Lisboa, proporcionando-nos momentos muito agradáveis. Assistimos também a uma retrospectiva histórica da obra educativa em Portugal, cabendo aqui homenagear obreiros que durante muitos anos contribuíram com o seu trabalho para o desenvolvimento desta tão importante obra.

Dentre os obreiros homenageados, desejaríamos salien-

tar os pastores António Dias Gomes, Manuel Leal e Ernesto Ferreira, e as professoras Maria Augusta Pires, Capitolina Grave e Lucília Ferreira de Almeida. Todos eles trabalharam dedicadamente para obra educativa adventista na cidade de Lisboa, a qual incluiu o Curso Teológico, o Instituto Académico Adventista e o Colégio de S. Paulo, precursores do actual escola adventista, Externato Infanta D. Joana. Foram também homenageados os professores que presentemente trabalham em escolas adventistas há mais de 15 anos.

A Igreja tem para com estes obreiros uma dívida de gratidão. Mas certamente será o Senhor quem um dia os recompensará. Os nossos olhares centram-se agora na importante missão que repousa sobre os actuais educadores adventistas, pois sobre eles recai a responsabilidade de preparar os homens e mulheres de amanhã, a quem caberá finalizar a obra que Jesus nos confiou.

Odete Cachão de Almeida é professora na escola de Lisboa.



Fostes comprados por alto preço

Tudo tem um preço neste mundo. Tal verdade faz parte integrante da nossa experiência quotidiana no seio de uma sociedade em que comprar e vender constitui a base essencial da existência.

A própria vida religiosa está de algum modo submetida a este princípio. Em I aos Coríntios 6:20, o apóstolo Paulo declara: «Porque fostes comprados por alto preço» (versão «A Bíblia de Jerusalém.» S. Paulo, Brasil, Edições Paulinas, 1982). A vida eterna e, por conseguinte, o sentido da nossa existência, têm o seu preço. Só que esta transacção difere das leis do mercado: não fomos nós que pagámos o preço — e nem poderíamos pagá-lo! Foi Jesus quem pagou o nosso resgate e nos libertou do pecado e do mal, oferecendo-Se na cruz, em nosso lugar. Foi Ele quem pagou a nossa salvação com a sua vida.

Mas a nossa relação com Jesus vai mais longe: Ele oferece-Se para suprir todas as necessidades da nossa existência: «Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida» (Apoc. 22:17).

Não poderíamos adquirir a nossa salvação eterna com valores materiais. Isso é algo de impossível. Pedro ficou extremamente indignado quando Simão, o mágico, se propôs comprar o dom do Espírito Santo. É que os dons de Deus não podem ser adquiridos com dinheiro (ver Actos 8:20). Todavia, embora recebamos gratuita-

mente o dom da vida eterna, nós não deveríamos apresentar-nos diante de Jesus de mãos vazias. Deveríamos começar por oferecer-nos a nós mesmos. «Toma, Senhor, o meu viver; toma, Senhor, toda a minha vida», dizia um velho hino. E, dado que Jesus nos resgatou por tão elevado preço, tais palavras deveriam exprimir a nossa disposição de nos consagrarmos inteiramente ao Senhor. Nós desejamos manter com Jesus uma relação mais estreita, comparável à dos ramos com a videira. Então, Ele nos comunicará a Sua força e viveremos dia a dia pelas Suas promessas. Os nossos dias, antes sombrios e cheios de temor, serão tocados de serenidade e dirigidos no «caminho recto».

Mas não basta dar ao Senhor o nosso coração, isto é, os nossos sentimentos mais profundos. Quando Jesus convidou o jovem rico a segui-l'O, disse-Lhe: «Se quiseres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres...» (Mat. 19:21).

Deus enche-nos de bens materiais, mas através deles deseja incitar-nos à fidelidade. E a Bíblia ensina-nos que a pedra de toque da nossa fidelidade é dar-lhe 10% das nossas receitas. «Trazei todos os dízimos à casa do tesouro» (Mal. 3:10).

O profeta Malaquias é aqui o porta-voz do Senhor. Ele pergunta ao povo, da parte de Deus: «Roubará o homem a Deus?» (v. 8). Questão que perturba tanto

o profeta como o povo, que pergunta: «Em que te roubámos?» E Deus responde: «Nos dízimos e nas ofertas.» (v. 8.) Palavras duras para Israel. Mas o Senhor acrescenta logo a seguir: «Trazei todos os dízimos» e ficareis libertos de tal acusação.

O princípio divino do dízimo toca o âmago da nossa natureza humana egoísta, cúpida e ávida de segurança material. De forma geral, a nossa primeira consideração vai para nós e as nossas necessidades, que nunca estão satisfeitas. É quase legítimo que tais necessidades aumentem na proporção do nosso bem-estar. Será então possível contentarmo-nos com 90% das nossas receitas? Não nos exigirá o Senhor demasiado? Ou dar-se-á o caso de podermos testemunhar que 90% do nosso dinheiro vale mais do que a verba total? Deus diz: «Fazei prova de mim, ... se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha maior abastança» (Mal. 3:10).

Façamos uma experiência com Deus! Ele convida-nos a fazer um teste, a pô-l'O à prova. Mas o primeiro passo é nosso: «Trazei todos os dízimos».

Sem dúvida que não é por acaso que a Bíblia declara santos o Sábado e os dízimos. «Lembra-te do dia de Sábado para o santificar» (Êxo. 20:8). «Todas as dízimas... são do Senhor: santas são ao Senhor» (Lev. 27:30). Os dois revestem-se de um carácter particular e preeminente.

Para o crente, tanto o sábado como o dízimo têm um significado espiritual e devem conduzir a experiências semelhantes. Nós não empobrecemos pelo facto de consagrar ao Senhor um dia por semana, pondo de lado os nossos negócios e afazeres (cf. Isa. 58:13). E, da mesma maneira, não ficamos mais pobres por levar à casa do Senhor a décima parte das nossas receitas. Pelo contrário! Enriquecemo-nos tanto em bens espirituais como em materiais. O nosso espírito enriquece-se de paz, alegria e contentamento. A nossa confiança não repousa sobre as riquezas do mundo, mas está em Deus, que nos dirige em todas as circunstâncias.

O nosso crescimento espiritual está estreitamente ligado à nossa generosidade. A nossa comunhão com Cristo fortificar-se-á na medida em que nos despegarmos dos bens terrestres, evitando ficar seus escravos.

No Antigo Testamento é-nos mostrado que o dízimo se destinava a sustentar o serviço dos levitas no templo. «Eis que aos filhos de Levi tenho dado todos os dízimos em Israel por herança, pelo seu ministério que exerce, o ministério da tenda da congregação» (Núm. 18:21).

O sacerdócio levítico baseava-se no sistema do dízimo. Este deveria ser levado à casa do tesouro de Deus, e ninguém ousaria entregá-lo a um grupo particular de sacerdotes.

A nossa Igreja está encar-

regada de uma missão a nível mundial. Foi Jesus quem no-la confiou ao dizer: «Ide, ensinai todas as nações» (Mat. 28:19). Tal como no tempo de Israel, esta obra repousa sobre o princípio de que todos os dízimos devem ser levados ao tesouro do Senhor. O dízimo que da igreja local é enviado à Associação serve principalmente para remuneração dos pastores e financiamento da obra de evangelização. Outros organismos da Obra, como as Uniões, Divisões e Conferência Geral, participam igualmente do financiamento pelo dízimo, segundo um sistema estabelecido.

«Ninguém se sinta na liberdade de reter o dízimo, para empregá-lo seguindo seu próprio juízo. Não devem servir-se dele numa emergência, nem usá-lo segundo lhes pareça justo, mesmo no que possam considerar como obra do Senhor.» (E. G. White, *Conselhos sobre Mordomia*, p. 101.)

A nossa igreja passou de 3 500 membros em 1863 para 6 milhões e trezentos mil hoje. A mensagem do Advento está sendo proclamada em mais de 180 países do mundo. A instituição bíblica do dízimo contribui grandemente para isso.

A obra está quase terminada. Cada um de nós, ao dar fielmente o seu dízimo, está contribuindo para a sua finalização. Se se mantiver o crescimento que hoje se verifica, poderemos ter 11 milhões de membros no fim do século.

No plano mundial, os Adventistas do Sétimo Dia figuram entre os crentes mais generosos para com a sua igreja e as diversas acções missionárias que a mesma empreende. Porque ao dízimo se vêm acrescentar outras ofertas e dons voluntários, tanto para as necessida-

des da igreja local e nacional, como para a obra missionária mundial e projectos específicos que mantêm.

Encontramo-nos hoje diante do grande desafio que constitui a MISSÃO GLO-BAL. A boa nova da salvação em Jesus deve chegar aos confins da terra, a todos os grupos étnicos e culturais. É necessário que a Igreja, fortemente unida, tal como nos seus começos, concentre os seus esforços no alvo fixado e renove constantemente o seu potencial espiritual através da oração e comunhão com Deus. É recon-

fortante presenciar os resultados do testemunho cristão pessoal, quer se trate de grupos de estudo da Bíblia nos lares, de distribuição de folhetos ou de reuniões públicas de evangelização. Pode-se tirar partido das múltiplas possibilidades que têm como objectivo o contacto com o próximo. A missão confiada à Igreja ultrapassa hoje, e de longe, os serviços no templo, sob a antiga dispensação. Eis a razão porque somos chamados a ser mordomos fiéis dos bens que o Senhor nos confiou durante a nossa existência

terrena. Os tesouros da terra podem ser reduzidos a pó de um dia para o outro. Mas o que tivermos realizado para o Senhor permanecerá por toda a eternidade.

Que bom seria possuímos hoje o espírito de Neemias. Quando se tratou da reconstrução de Jerusalém e do templo, ele estabeleceu planos e declarou o seu objectivo: «... Assim não desampararíamos a casa do nosso Deus» (Neem. 10:39).

Erich Amelung é tesoureiro da Divisão Euro-Africana.

DEVOCIONAL

TED WICK

O Cântico de Asafe

A prosperidade dos ímpios quase derrubou a fé do poeta Asafe

O salmo 73 fala decididamente para o nosso tempo. O antigo poeta Asafe compôs este salmo baseado na sua própria experiência. Ele tinha observado a prosperidade dos desobedientes. Notara como prosperavam no mundo, como aumentavam em riquezas e ardeu de inveja deles (verso 12). Que benefício havia em seguir ao Senhor? questionava Asafe. “Na verdade que em vão tenho purificado o meu coração e lavado as mãos na inocência” (verso 13).

Qual é o assunto básico deste cântico?

Asafe pensava que deveria de haver alguma vantagem especial em ser um obediente seguidor de Deus — em ser um cristão (ou um adventista do sétimo dia). Mas tudo quanto podia ver

ao seu redor eram os inimigos de Deus tornando-se cada vez mais ricos, guiando os seus carros último modelo, vivendo em palacetes e observando os seus negócios a irem muito bem.

Problemas semelhantes

Os dias de Asafe diferem menos de nossos dias do que muitos pensam. As pessoas ainda lutam por ser ricas, conquistar melhores empregos, com mais altos salários, e por receberem a aprovação da sociedade com as suas recompensas. Há um decidido movimento no nosso mundo para investir em empreendimentos comerciais. O materialismo apela aos desejos da carne nos anúncios multicoloridos das revistas, nos cartazes das estradas, nos ecrans da televisão e em quase cada lugar para que nos voltemos. «Viva uma

boa vida», dizem eles. O alvo de muitos cristãos, infelizmente, é ganhar o que puderem, enquanto puderem. Segundo o seu ponto de vista, uma vida significativa está no mercado.

Os adventistas do sétimo dia não estão imunes a esta tendência social. Há vinte anos, num colégio da Divisão Norte-americana, havia mais ou menos o mesmo número de formandos em teologia e nas áreas comerciais. Hoje, na mesma instituição, o número de formandos nas áreas comerciais quadruplicou, enquanto o da área teológica está reduzido a metade do que era então.

“Sucesso!” Muitos dizem hoje: “Vá em frente!” E assim fazem.

Mas esta definição de sucesso só funciona quando tudo vai bem na vida. Leva apenas um momento, um re-

lance de pensamento, para perceber que não é apenas o que se tem hoje, mas o que se terá no fim que mede o verdadeiro sucesso. “Pois, o que aproveita a um homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mat. 16:26).

Esse enganoso êxito dos ímpios quase derrubou a fé de Asafe. E o mesmo problema atormenta muitos hoje. Os cristãos, todavia, precisam dizer a verdade acerca dessa visão distorcida do sucesso a curto prazo. De acordo com Asafe (Salmo 73:15), vangloriar-se dessa pseudoprosperidade, sem apontar os seus resultados finais, confunde o incauto e constitui uma séria decepção para a geração vindoura. Seria melhor calar? Asafe o fez — por um período, até que entendesse (versos 16 e 17).

Os adultos deveriam sentir-se responsáveis por advertir os seus filhos acerca dos desenganos de uma visão estreita do sucesso. A prosperidade sem Deus, hoje, guia a uma eternidade sem Deus, amanhã. Disse Asafe: “Certamente tu os puseste em lugares escorregadios. Tu os lanças em destruição. Como caem na desolação, quase num momento! Ficam totalmente consumidos de terrores. Como faz com um sonho, o que acordas, assim, ó Senhor, quando acordares desprezarás a aparência deles” (versos 18-20).

Pais em angústia

Muitos pais estão hoje em angústia. Educam os filhos nas melhores escolas, providenciam os melhores lares para eles e os filhos, quando crescem, fazem escolhas em conflito com os ensinamentos do lar, da igreja e da escola. Que angústia é para os pais verem os próprios filhos

e filhas voltar as costas a Deus. A dor e a vergonha levam muitos desses pais a se retraírem, escondendo a sua dor, receando que os outros os julguem inadequados ou infiéis. Assim a sua dor é sufocada.

Sonho com uma igreja em que os pais com esse problema se reunissem em pequenos grupos de apoio para orar pelos seus filhos e filhas. Gostaria de ver esses pequenos grupos informais, de raiz, vindo juntos, semanalmente, para orar pelos seus jovens — talvez os pudéssemos chamar “Oração dos Pais”. Que poder moveria a vida dessas congregações! Quantas vidas seriam transformadas!

Não é possível, com a restrita visão humana, conhecer o fim desde o princípio. Temos apenas uma visão instantânea da nossa vida. Mas Deus tudo vê como um quadro movimentado ou como uma cassete de vídeo — do começo ao fim. Ele é o único que pode dizer como será o término de todas as coisas. Asafe diz que foi apenas no santuário de Deus que os factos se tornaram claros para ele. Unicamente no santuário entendeu ele o fim dos ímpios (verso 17).

O mesmo é verdade em relação a nós. Somente em comunhão com Deus, no estudo pessoal da Bíblia e ouvindo a Palavra de Deus pregada em Sua casa, podemos nós compreender verdadeiramente o fim da prosperidade dos desobedientes.

Muitos dos nossos jovens, porém, não frequentam a igreja nem estudam as Escrituras. Por isso não entendem o fim de uma vida sem Deus. A Sua Palavra declara que aqueles que são fiéis e obedientes, mesmo com perdas pessoais agora, serão honrados no futuro: “Tu me

guiarás com teu conselho e depois me receberás em glória” (verso 24).

Lugares escorregadios

Na verdade, sucesso e prosperidade no mundo colocam os nossos pés em lugares escorregadios. E muitos jovens adventistas estão hoje em lugares escorregadios. Como? Talvez usando um pouco de bebida alcoólica, ainda que não o bastante para cambalearem. Talvez participando de algum divertimento teatral. Um pouco de dança, quem sabe — é uma forma de começar! Ou então, através de música sensual — afinal de contas, porque deveríamos ser tão antiquados? Às vezes podemos tornar-nos até aborrecidos. “A igreja está fora de moda e eu, na verdade, não recebo muito dela.”

Estamos nós orando em vão? Como o velho Eli, falhamos em levantar a voz contra essas coisas? Falhamos em dizer aos nossos jovens que o fim de uma vida desobediente é a morte eterna? De acordo com Asafe, é um pecado de omissão falar acerca da prosperidade dos ímpios sem adverti-los do seu destino eterno. É, na verdade, uma ofensa fatal.

Há uma sólida rocha sobre a qual o cristão pode permanecer inabalável ante o fluxo e refluxo da maré social. Os valores de uma sociedade materialista frequentemente colocam a igreja em lugares escorregadios. Deus, no entanto, não abandona os que confiam n’Ele. “Todavia, eu estou continuamente contigo”. Asafe testifica acerca do Senhor: “Tu me tens segurado pela mão direita” (verso 23).

Essa inquebrantável dependência, esse segurar em nossa mão direita, é exactamente como Deus deseja

guiar-nos através da terra do inimigo. Estar com o Senhor em indestrutível companheirismo é a maneira de assegurar o nosso próprio futuro. É o lugar sólido do qual podemos socorrer a nossa juventude que permanece em lugares escorregadios.

“Tu me guiarás com teu conselho e depois me receberás em glória” (verso 24). Há uma recompensa. O que necessitamos é andar com o Senhor, escutar o Seu conselho e depois ser recebidos por Ele, em glória. O fim dos desobedientes, por contraste, é serem lançados “na destruição” (verso 18).

Talvez mesmo o querido leitor possa agora estar sobre terreno traiçoeiro.

Há poucos meses, numa hora de crise na minha vida, estava guiando através do Spokane, em Washington, e vi um anúncio de igreja onde se lia: “Deus está à procura dos sinceros, mas também aceita os abatidos.”

Deus não o abandona a si nem aos seus filhos. Está-o chamando para Si. Não importa o lugar em que esteja ou que experiência tenha na vida. Se se sente humilhado, se sente que falhou como pai, porque não ir a Ele? A Sua especialidade é curar corações quebrantados: “Mas para mim, bom é aproximar-me de Deus; pus a minha confiança no Senhor Deus” (verso 28).

Uma das tarefas finais do Espírito Santo é atrair pais e filhos mutuamente: “Eis que vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor, E converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos aos seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição” (Mal. 4:5, 6).

Em Isaías, Deus promete: “Contenderei com os que

contendem contigo e ... os teus filhos Eu remirei” (Isa. 49:25).

Não vejo lares ideais ou famílias perfeitas nas Escrituras. Antes vejo pessoas falhando em sua vida. Vejo Abraão, o pai da fé, dizendo uma meia-verdade a Faraó: “Sara é minha irmã”, disse ele com temor. Foi uma meia-verdade porque Sara, de facto, era sua irmã apenas por parte do pai.

Na geração que se seguiu, Isaque repete a falta do seu pai ao dizer a Abimeleque, rei da Filístia, que Rebeca era sua irmã, novamente por temor. Mentira completa, desta vez!

E Jacob leva a arte de ludibriar mais além, enganando o próprio pai com a ajuda da mãe. Ele reivindica a primogenitura que por direito pertencia a Esaú, e então, foge por sua vida.

Quebrando o ciclo

Então vem José — filho da esposa favorita de Jacob — a quarta geração. Ele quebra o ciclo de fraude e infidelidade. Estende os braços em perdão para os irmãos que o venderam, pois nesse episódio reconheceu a providência de Deus. Onde estão os Josés de hoje? Onde estão os que quebram o forte modelo de comportamento herdado das passadas gerações?

Sejamos francos: Haverá alguém para terminar a tarefa de advertir o mundo com a mensagem final do Evangelho?

Deus de José, Deus dos nossos filhos e filhas, ouve a nossa oração. Ouve-nos quando cantamos o cântico de Asafe: “Meus pés estão bem perto de resvalarem ... Quem tenho eu no Céu, senão a Ti?”

Sim, Deus é por nós! E, queridos amigos em Cristo, isso nos basta!

NOTÍCIAS DO CAMPO

Notícias de Coimbra

Seminário de Nutrição

Na sequência de um Plano de 5 dias, e para dar continuidade ao nosso programa evangelístico, realizámos, de Fevereiro a Março, às sextas-feiras, um Seminário de Nutrição. Além dos milhares de convites distribuídos, mobilizámos as rádios locais e regionais, com notícias e entrevistas, e o Diário cidadão, com notícias semanais na sua agenda “Hoje, em Coimbra”.

As cinco sessões tiveram lugar “nas instalações do Externato Adventista”, como noticiaram os órgãos de comunicação. Aqui, ganhámos publicidade ao Externato, que este ano atingiu o máximo de alunos, e também ao nome de “Adventista”, que nos define. Mas talvez tenhamos perdido em assistência, sobretudo aqueles que se deixaram inibir pelo preconceito. Felizmente, porém, umas duas dúzias de pessoas participaram activamente no referido programa, entre as quais uma dezena de professoras, casais anónimos, três dietistas dos hospitais, etc. Alguns dias houve em que a assistência se elevou a 28 visitas, além de outros tantos irmãos nossos.

Curioso foi como algumas professoras convidavam outras, ou como os membros de um importante coro cidadão traziam colegas seus, normalmente apreciadores do vegetarianismo, para assistirem às sessões do seminário. A Igreja recebeu também um convite para proferir conferências sobre o tabagismo e alcoolismo numa escola da cidade, e ali estivemos com o Dr. David Esteves.

Entretanto, os participantes no seminário de nutrição apreciaram bastante estas sessões, quer a sua parte teórica, apresentada pelo Dr. Beto Pereira da Silva, quer as demonstrações práticas, apresentadas por diligentes irmãs da igreja. Alguns testemunhos referiram que as reuniões “eram muito interessantes” e um casal muito assíduo, pedia mesmo: “Quan-

do fizerem mais seminários, digam-nos, pois é bom deixarmos o sofá e a TV”. Comentários mais específicos iam ao ponto de dizer: “Parece impossível que esta farinha seja só de soja e vegetais e não tenha carne nenhuma!” E um jovem jurista resumia assim a opinião dos presentes: “Gostámos muito, aprendemos muito e foi muito bom!”. Deste modo, a nossa mensagem de saúde, passando pelo estômago, chegou ao coração dos participantes. e através do convívio que se foi estabelecendo, ficaram contactos que esperamos venham a frutificar.

Seminário sobre stress

Como seguimento ao entusiasmo gerado pelo seminário de nutrição, realizámos um outro seminário, desta vez sobre stress, um tema da maior actualidade e utilidade. Recorremos de novo aos meios de comunicação para a desejada publicidade. Confessamos que esperávamos menos gente, mas fomos agradavelmente surpreendidos com novos participantes, além dos que transitaram de anteriores programas, pelo que logo na segunda sessão

atingimos as trinta visitas, todos visivelmente interessados nas palestras apresentadas pelos médicos adventistas, Dr. David Esteves e Dr. Beto Pereira da Silva. Começámos em meados de Abril e finalizámos em meados de Maio, sempre às sextas-feiras à noite.

A meio da sessão, havia um intervalo em que eram servidos sumos e águas minerais, o que nos proporcionava interessantes contactos e trocas de impressões. A segunda parte, quer pelo material, quer pelas perguntas formuladas, prolongava-se até próximo da meia-noite, mas o entusiasmo dos participantes animou-nos sempre a prosseguir. Houve então uma sugestão de realizar uma sessão suplementar para perguntas e respostas, a qual acabou por incluir um convívio de culinária, onde as irmãs da nossa igreja apresentaram de novo maravilhosas receitas, que a todos deliciaram. Esta actividade proporcionou-nos também uma oportunidade de apresentar a nossa mensagem de esperança. Algumas pessoas perguntavam-nos se não tínhamos mais reuniões. E prometemos para Junho colóquios sobre a nossa obra médica, educativa e doutrinária. — **Daniel Simões Silva, pastor.**

Inauguração da Sala da Pampilhosa

No dia 16 de Março, sob a presidência dos pastores Joaquim Morgado e Juvenal Gomes deuse solenemente abertura a uma

nova sala na Vila da Pampilhosa, a 17 quilómetros de Coimbra, e a 3 da Marmeleira e 7 de Souselas, lugares onde vivem uma



À porta, os que não couberam dentro.

Ted Wick é coordenador do Ministério de Adolescentes e Jovens da Divisão Norte-Americana.

vintena de irmãos da igreja de Coimbra. Na vila, mora apenas uma irmã que com as suas netinhas frequenta a nossa igreja.

Entre os irmãos e amigos que nos alegraram com a sua presença neste acto inaugural, desejamos destacar os grupos vocais de Vila Nova de Monsarros e de Aveiro, cujas actuações muito apreciámos e agradecemos. Agradecemos igualmente aos irmãos

que juntamente com o ancião Fernando Esteves aglutinaram esforços e apoios para erguerem este pequeno baluarte à causa do Advento.

As portas estão abertas aos sábados de tarde, e às quartas-feiras, à noite. A morada é a seguinte:

Rua dos Bombeiros
Pampilhosa do Botão
3050 MEALHADA

— Daniel Simões Silva, pastor.



Momento em que o ancião da igreja, Jorge Pires, procede ao exame dos candidatos.

Amadora: Campanha de Evangelização

A ordem que recebemos da parte de Deus foi a de trabalharmos até Jesus voltar. Pelos sinais indicativos dos últimos tempos, e que nós temos presenciado, temos a certeza de que o regresso de Jesus está bem próximo. O tempo que Deus nos concedeu está a esgotar-se e é urgente apressar-nos na propagação do Evangelho, para que o maior número de almas venha ao conhecimento da verdade e se arrependa.

Tem sido com este espírito que a igreja da Amadora tem trabalhado na proclamação das Boas Novas da salvação, e Deus nos tem abençoado. Durante o mês de Abril, e como preparação para a Campanha, realizou-se, nas instalações da igreja da Amadora, um Plano de 5 dias para deixar de fumar. Foi com alguma relutância que decidimos fazer este plano na igreja, pois sempre nos convencemos de que isso afastava as pessoas desejosas de abandonar esse vício terrível. Mas Deus mostrou-nos que Ele é poderoso e sabe o fim desde o princípio. Para nossa surpresa, as pessoas começaram a chegar e formaram um bom grupo, simpático, com o qual formámos laços de amizade. Graças a Deus, que pode todas as coisas!

De 5 a 15 de Maio teve então lugar a Campanha. Cuidadosamente preparámos tudo até ao ínfimo pormenor. A igreja uniu-se em oração pelas almas que, nesta cidade, vivem ansiosas por co-

nhecer a verdade. E foi assim que abriu as suas portas de par em par para as visitas que vieram cada noite.

Com um tema muito actual, "Guerra Santa e Armagedom", avançámos com fé e o Senhor nos respondeu com uma média de 30 visitas. Dirigidos pelo pastor Ezequiel Quintino, o orador da campanha, fomos conduzidos pelo terreno da profecia, desde o princípio das coisas até à volta de Jesus.

Este ciclo estaria incompleto sem a festa que teve lugar no dia 18 de Maio. Entre os cânticos de júbilo dos anjos nas cortes celestiais, realizámos o *Batismo da Primavera*, em que 5 juvenis decidiram fazer um pacto com Jesus. Foram instruídos pelo Manuel Vieira, irmão muito dedicado e activo junto dos juvenis. Na presença de inúmeras visitas, a cerimónia foi constituída por um programa especialmente preparado para a Marta, o Hugo, a Sara, o Paulo e o Rui. Foi com muita alegria que rodeámos os nossos juvenis, alegria essa que é um exemplo um pouco pálido da que reinou nos céus.

Em resposta ao apelo feito pelo pastor Ezequiel Quintino, 20 visitas responderam demonstrando o desejo de conhecer a Jesus como seu Salvador.

Se alguma vez pudemos pensar que o trabalho terminou aqui, estávamos enganados, pois só ago-

ra ele começou. Estas visitas necessitam da nossa atenção e principalmente das nossas orações. Será esta uma importante parte do

trabalho da igreja da Amadora, confiando nas bênçãos do Senhor. — Ilda Cardoso, igreja da Amadora.

Igreja de Alvalade: Escola Cristã de Férias

Sensíveis ao convite de Jesus, de deixar ir a Ele os meninos, não os impedindo, nem pelo desinteresse, nem pela marginalização ou falta de envolvimento cristão, a igreja de Alvalade realizou, de 24 de Março a 4 de Abril, uma Escola Cristã de Férias em Carnide, no Bairro da Horta Nova.

Numa sala gentilmente cedida pela Junta da Freguesia de Carnide, recebemos cada dia cerca de 50 crianças (das 65 inscritas), dos 5 aos 12 anos. A grande diferença de idades obrigou-

-nos a fazer duas classes, com o consequente desdobramento de actividades, o que pôs à prova a capacidade de resposta a situações difíceis das nossas escassas cinco monitoras...

Foi uma experiência inédita nesta região, tanto para as crianças, na sua totalidade não adventistas, que assistiam pela primeira vez a uma ECF, como para grande parte das monitoras, que nelas encontraram um público completamente virgem, tanto para a mensagem do Evangelho co-



mo para as outras actividades propostas.

Do juramento das bandeiras, nas quais todos queriam segurar, às actividades manuais, muito apreciadas, passando pelo lanche, sobre o qual todos se precipitavam com entusiasmo, até às actividades espirituais — lição, hinos, histórias — os nossos amiguinhos deram provas de uma alegria transbordante que a todos

contagiou e pela qual agradecemos a Deus.

Fazemos agora planos para continuar a manter os laços afectivos criados entre nós e estas crianças e alegramo-nos por ter deixado no bairro pobre da Horta Nova, em Carnide, uma porta aberta a futuras actividades sociais e de evangelização. — **Hortelinda Gal**, assistente pastoral da igreja de Alvalade.

Aguardando a Ressurreição

Maria de Jesus Gouveia

Com 63 anos, após prolongada doença, faleceu, no dia 21 de Dezembro de 1990, a irmã Maria de Jesus Gouveia. Era diaconisa da igreja de Coimbra, onde serviu com zelo e dedicação.

Maria Gouveia conhecera a mensagem em Angola, de onde viera nos anos setenta. Era sensível ao sofrimento e necessidades da juventude, tendo recebido e criado alguns jovens. No hospital, quando a visitámos, de depois da visita do capelão, exclamou: “Ah! É o pastor! Agora já posso morrer em paz!” E assim indicou que espécie de funeral de-

sejaria ter e, mais ainda, que esperança tinha no seu coração.

Valdemar Pedrosa

Depois de um mês nos Hospitais da Universidade, e na sequência de uma operação cirúrgica, faleceu, a 2 de Fevereiro do corrente ano, o irmão Valdemar Pedrosa. Tinha 61 anos de idade, e era também diácono fiel da igreja de Coimbra. Deixa viúva a nossa irmã Ana Maria e duas filhas, a quem apresentamos sentidas condolências, lembrando as confortadoras promessas do Senhor. — **Daniel Simões Sila**, pastor

A Igreja Adventista comemora o Dia da Mulher

A Associação de Esposas de Pastores (AEP), integrada no Departamento da Associação Pastoral da União, está organizada no nosso campo há já alguns anos e o seu objectivo é, precisamente, apoiar as companheiras de ministério dos pastores adventistas. Representando em Portugal a “Shepherdess International” da Conferência Geral e Divisão Euro-Africana, a AEP tem como coordenadora nacional a irmã Maria Rosa Nunes, e como secretária a irmã Celeste de Matos.

A AEP desenvolve já algumas actividades na nossa União: pu-

blica trimestralmente um Boletim, formativo e informativo, leva a efeito reuniões nacionais para as esposas dos pastores, e promove também acções individuais sempre que as necessidades ou circunstâncias das suas associadas o justifiquem ou permitam.

Este ano, de 2 a 4 de Abril, participou num encontro de responsáveis desta mesma Associação no território da nossa Divisão, o qual teve lugar em Collonges e foi dirigido pelo Pr. J. Mager, secretário da Associação Ministerial. A União Portuguesa esteve representada pelas referi-

das irmãs, Maria Rosa Nunes e Celeste de Matos.

No dizer desta última, “estas reuniões tiveram como objectivo um plano de trabalho no âmbito destas recém-criadas associações, procurando organizar alguns aspectos que se impunham considerar e consolidar outros que careciam de uma maior coesão, tendo em vista uma melhor e maior qualidade de serviços a prestar às esposas dos pastores nos diferentes campos. O papel destas organizações começa agora a definir-se de uma forma mais nítida e, por consequência, a ser compreendido numa forma mais activa e participante, a ponto de se ter tornado parte efectiva do departamento da Associação Pastoral da Conferência Geral.”

Dia da Mulher Adventista

No quadro das suas actividades, a Associação das Esposas de Pastores da Igreja Adventista promoveu este ano uma celebração especial do DIA DA MULHER, na igreja adventista de Cascais.

“O programa, que teve início às 9h30 e se prolongou até às 18h, teve como objectivos gerais: relevar o papel da mulher nas diferentes vertentes de sua projecção na sociedade e no lar; glorificar a Deus pelos e através dos dons por Ele concedidos à humanidade.

“As suas actividades, de forma sumariada, foram: Escola Sabatina, orientada pela Irmã Maria Augusta Lopes; concerto, corais, solos e poemas, com a colaboração de alguns de nossos artistas, tanto no campo da música como no da poesia; culto, através da palavra da Irmã Maria Augusta Pires, que foi introduzida pelo Presidente da União, Pr. J. Morgado; mesa-redonda, que discutiu a problemática da actividade da mulher nas suas diferentes vertentes e que foi coordenada pelos Irmãos Edite e Daniel Esteves; dramatizações variadas, relevando o papel da mulher desde os tempos antigos da Bíblia até hoje.

“Foram criados alguns momentos de homenagem para a circunstância e entre eles se destaca o que então foi proferido em referência à MULHER ADVENTISTA DO ANO:

“A homenagem que se segue é inédita entre nós: seleccionar uma Mulher a quem atribuir distinção especial.

“A eleição desta mulher foi da responsabilidade única da Associação de Esposas de Pastores e fundamentou-se no critério seguinte: Mulher Adventista em Portugal que tenha devotado o melhor de suas capacidades ao serviço da Causa, cuja educação, experiência e personalidade se considerem exemplares.

“Além de inédita, foi tarefa delicada, pois sabemos existirem entre nós muitas senhoras que merecem este título, e o dia de hoje bem o demonstrou já.

“Assim, a cerimónia que vamos realizar deve ser entendida, antes de mais, com uma dupla simbologia: um símbolo colectivo, porque nele desejamos honrar não apenas uma, mas todas as Mulheres Adventistas que têm devotado as suas vidas ao serviço da Igreja; um símbolo individualizado, porque desejamos honrar alguém que entre nós se encontra, a quem reconhecemos o valor conducente à atribuição do título de MULHER ADVENTISTA DO ANO: Maria Rosa Pereira Baptista”. In *Partilhando o Ministério*, Boletim da AEP, Lisboa, 2 Trimestre de 1991.

Seguiram-se alguns dados biográficos que apresentavam esta irmã, diplomada de Collonges, que defendeu tese de mestrado no princípio do corrente ano, que trabalha nos escritórios da União e desempenha presentemente as funções de redactora da *Revista Adventista*. De acordo com as palavras que lhe foram dirigidas, “o seu mérito é este: tentou, dentro das possibilidades que tinha, preparar-se para dar o seu melhor”. — *Ibidem*.

A homenageada agradeceu a distinção de que foi alvo, realçando que via nesse gesto o apreço das Esposas dos seus colegas, obreiros na obra do Senhor, pelo trabalho que é feito humilde e quase invisivelmente pelas Obreiras dos escritórios da União e que contribuiu, também, para a pregação do Evangelho e a terminação da Obra que Jesus nos confiou. — *M.R.B.*